

**MULHERES DO MAR, MULHERES DA FLORESTA:
SABERES E PRÁTICAS DO IMAGINÁRIO E DA VIVÊNCIA
FEMININA CAIÇARA – UM CORDEL EM CINCO ATOS**



Lucimara Marcelino
Ubatuba - SP / abril de 2024

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Educação de Angra dos Reis
Pós-Graduação em Gestão de Territórios e Saberes - TERESA

**MULHERES DO MAR, MULHERES DA FLORESTA:
SABERES E PRÁTICAS DO IMAGINÁRIO E DA VIVÊNCIA
FEMININA CAIÇARA – UM CORDEL EM CINCO ATOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-graduação em Gestão de Territórios e Saberes do Instituto de Educação de Angra dos Reis – Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos para obtenção do título de especialista em Gestão de Territórios e Saberes.

Autora: Lucimara Marcelino

Orientadora: Prof^a. Paula Callegario de Souza

Coorientadora: Marinalva dos Anjos Carvalho Marcelino

Ubatuba
2024

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Educação de Angra dos Reis
Pós-Graduação em Gestão de Territórios e Saberes - TERESA

**MULHERES DO MAR, MULHERES DA FLORESTA:
SABERES E PRÁTICAS DO IMAGINÁRIO E DA VIVÊNCIA
FEMININA CAIÇARA – UM CORDEL EM CINCO ATOS**

Autora: Lucimara Marcelino

Orientadora: Profª. Paula Callegario de Souza

Coorientadora: Marinalva dos Anjos Carvalho Marcelino

Comissão examinadora

Dibe Salua Ayoub

Roberta Maria Lobo da Silva

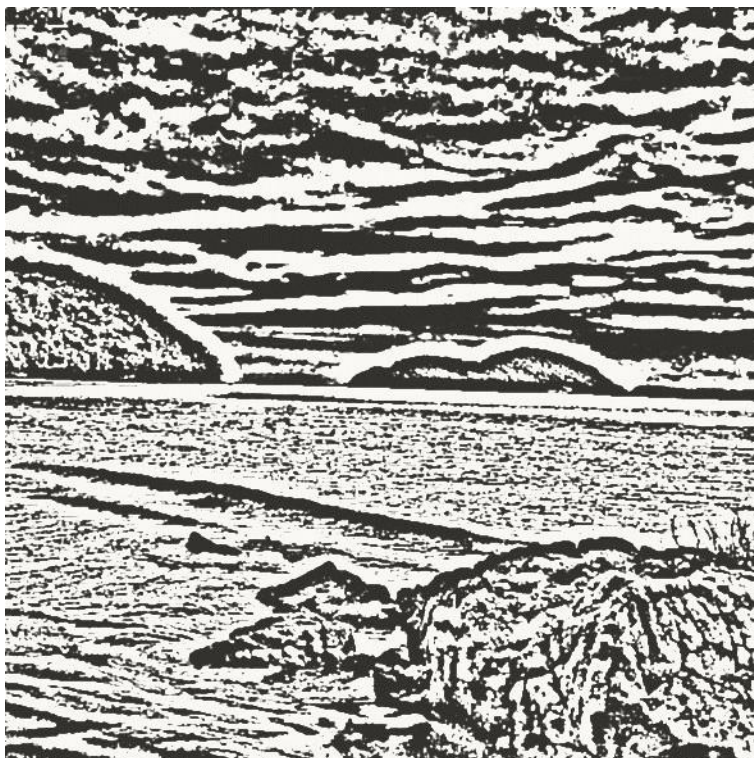
Dayene Silva Marcos

Ubatuba
2024

SUMÁRIO

Um cordel em 5 atos:

ATO 1 - Chegança – onde começa uma história?	05
ATO 2 - Os caminhos dessa prosa	13
ATO 3 - Dona Nilsa e Nilmara da Picinguaba	28
ATO 4 - Dona Cida e Simone da Almada	45
ATO 5 - A história comum – quando terminar não é um fim	67



ATO 1

Chegança – onde começa uma história?

Salve, salve, gente linda!
Trago aqui minha saudação
Peço a licença das dinda'
Das avó' peço a benção
P'ra trazer hoje uma história
Cheia de luz e memória
Que me faz grande emoção!

É a história das mulheres
Caiçaras de tradição
Gente de muitos saberes
E sorriso imensidão
Cuja experiência de vida
Não cabe n'um conto espremida
Pois vem d'outra geração.

Bem dizer, essas verdades
Pedem de nós atenção:
No tempo da ancestralidade
Se vive é com o coração,
Onde costumes e alegrias
Manifestam sabedorias
Nascidas de mar e sertão.

Nesse ponto, faço um adendo,
Que é também uma oração
Pra mostrar onde qu'eu aprendo
A juntar voz e canção
Quem me ensinou o caminho
Foi um homem, meu paizinho,
De nome Sebastião.

O pai era violeiro
Dos melhor' que eu já vi
No seu repique certo
A música eu conheci
Sua viola sertaneja
Pra sempre em mim solfeja
Desde o dia em que eu nasci.

Em sua alcunha de artista
Sua identidade trazia
E com jeito idealista
Goianense, ele dizia,
Ele era compositor
Suas lembrança' e muito amor
Transformava em melodia.

Ainda era bem novo
Quando um dia, infelizmente,
Pra tristeza do meu povo
O pai foi ficando doente
E mesmo com sua alegria
Acabou-se as cantoria'
Partiu, assim, de repente.

Hoje, por mais que me doa,
Eu conto sua história, sim
E com tanta lembrança boa,
O pai deixou dentro de mim
Junto com muita saudade'
Esse dom, e essa vontade
D'a poesia não ter fim.

Pra explicar minha origem
Preciso também falar
Das coisa' que me dirigem
O sentimento e o olhar:
Foi com minha mãe Marinalva,
De apelido Dona Nalva,
Qu'eu aprendi o que é amar.

A mãe, assim como o pai,
Não teve oportunidade
Desde bem cedo ela vai
Trabalhar por necessidade
Os estudos foram pouco'
E sempre foi coisa de louco
Entrar numa faculdade.

Mas você que não resolva
Questionar sua sabedoria
Não há o que mainha não mova
Pra cuidar de suas cria'
E com grande inteligência,
Elegância e paciência,
Ela é pura energia!

Também sou feita de roça,
Apesar de nascer na cidade
Pois o meu sangue endossa
A minha ancestralidade
Cresci produzindo comida
E mesmo assim, nessa lida,
Entrei na universidade.

No meio dessas mistura'
Às vezes eu me confundo
Mas sempre minha postura
É de buscar lá no fundo
Sem medo e sem vaidade
Qual é minha identidade
E meu papel nesse mundo.

Aqui que entra o cordel:
Sempre amei literatura
Pois quando a vida é cruel
É a escrita que me cura
E permite que eu me olhe,
Num abraço que acolhe,
Me afastando da loucura.

Foi com muita aplicação
Que formei em Biologia
Não bastasse a graduação,
Tive outras ousadia'
Lá do mato e da quebrada
Eu fiquei foi encantada
Quando o mundo eu descobria.

Sem nunca ter visto o mar
Decidi nele me ver
Fui aprender a mergulhar
E um barco inventei de querer:
Sonhei um sonho maneiro,
De um dia ter um veleiro,
Onde eu pudesse viver.

As beira' d'água e sua gente,
Assim que em Ubatuba eu vi,
Entraram na minha mente
E meu lugar decidi
Pois aqui juntei floresta,
Essas roça' e suas festa',
Com as água' qu'eu escolhi.

Olha só, 'tava esquecendo
De outros cursos que eu quis
Um bocado fui aprendendo,
Mestrado e outras coisa' eu fiz,
Trabalhos até importante'
Mas a linguagem, obstante,
Não era minha força motriz.

Tempos depois, no TERESA,
Uma especialização
Fiquei numa ideia presa,
E ninguém me disse “não”:
Brincar com a rima e a palavra,
Do jeito que eu almejava,
Pra escrever com o coração.

Parece até brincadeira
Mas minha grande emoção
É que a mãe, por vez primeira,
Leu tudo em primeira mão
Vai saber de ponto a ponto
Cada caso que eu conto,
E ‘inda fazer a revisão!

Como ‘ces já perceberam
Minha história se parece
Com os ecos que reverberam
Quando esse trabalho cresce
De minha parte, agradeço
A esse lindo recomeço
Que a trama da vida tece.



ATO 2

Os caminhos dessa prosa

Agora que apresentei
Minha história, meu lema
E os sonhos que eu sonhei,
Retomamos nosso tema:
Quero contar melhor
As prosa' e os pormenor'
Que formaram esse poema.

Desde a escola a gente aprende
Que os estudo' tem um jeito
De regar o que se entende
Pra fazer um bom proveito
É o método que organiza
Tudo que a gente pesquisa
Pra depois não dá defeito.

A lógica da ciência
É importante eu mostrar:
Toda boa experiência
Precisa a receita explicar
Se alguém depois quiser
Repetir o que 'ce fizer
Seu método pode usar.

O nome que a gente diz
Com muita categoria
Seja mestre ou aprendiz
Não se muda nem se cria
No ordenamento perfeito
Respeitando esse conceito
É de metodologia.

Conforme o raciocínio
Que argumentei nesses verso'
Quero contar com fascínio
Um preceito controverso
O modo que se utiliza
Pra fazer certas pesquisa'
D'um jeito um tanto perverso.

É que quando o objetivo
Da sua investigação
Tem algum conectivo
Com qualquer população
Precisa tomar cuidado
E o respeito é redobrado
Na escolha e na condução.

Eu vejo muita importância
Em entender as cultura'
Dependendo da distância
Tem coisa que não se mistura
Além de que os seus ato'
Pode resultar, de fato,
Em consequências futura'.

Outra coisa que azucrina
É uma certa hierarquia
Cientista olhar de cima
As pessoa' e as etnia'
E depois vem fazer roda
Só porque ta na moda
Ou pra mostrar cortesia.

Só que a falta de estudo'
Já tem tempo que é sabido
Não define conteúdo
Nem determina o vivido
Pois toda experiência
Cada qual com suas crença'
Tem saber adquirido.

Quando fui nas comunidade'
Nesse trampo, por exemplo,
Respeitei com honestidade
Cada casa como um templo
Recebi dessas mulheres
Seus sorriso' e seus saberes
Que com honra aqui contemplo.

Essas prosa', em mais detalhes,
Eu vou falar os caminho'
Pra qu'isso desembaralhe
E não haja burburinho
Pois pra se ativar a memória
Nesses tipo' de história
Não se faz nada sozinho.

As mulé que entrevistei
Já são tudo conhecida'
De ações que participei
Das quais sou agradecida
Desde o começo a intenção
Era fazer a contação
Dessas histórias de vida.

O cordel apresentei
Pra quem 'inda não conhecia
E a palavra estimulei
Do jeito que ela saía
As história' foi formando
E sem pressa se encorpando
Enquanto nós se divertia!

Como boa escutadora
Preferi não falar muito
Só deixei de propulsora
A base do nosso assunto:
Recordar e partilhar
Vivências de terra e mar
Era parte do intuito.

Lembrando que nesse campo
Da memória que se conta
Não tem erro, nem tem grampo,
Pois a história não ta pronta
E conforme a amplitude
Até pode ser que mude
Cada vez que se reconta.

Isso acontece porque
O nosso conhecimento
Do pensar ou do fazer
Tem o seu próprio sustento
O que é muito especial
Difícil de ver dois igual'
– Cada qual, um pensamento.

E foram duas lindas prosa'
No total realizadas
4 mulé poderosa'
Da Picinguaba e da Almada
Duas mãe' e suas filha'
Que de longe chega brilha
Na maneira que se entrosa.

Na Picinguaba nascida'
Nilsa é mãe de Nilmara
Depois foi Simone e Cida
Da Almada, e separa
Cada lugar na sua estrada
Mas no conjunto integrada
Na tradição caiçara'.

Por fim, quero registrar:
De tudo eu fiz gravação
Pra outra' vez' escutar
Melhorando a precisão
Da rima que fui criando,
Portanto, se costurando
Com a minha imaginação.

Também fiz fotos, se liga
Pra servir de inspiração
Pra Isa, artista e amiga
Criar suas ilustração'
São essas linda' figura
Estilo xilogravura
Que no cordel é tradição.

Continuando essa valsa
Vamos falar agora
De Ubatuba, minha casa,
Onde o meu coração mora
Uma cidade curiosa
Bem bonita e estilosa
Que já é uma senhora.

Com 386 anos
Sua história é antiga
E se eu não me engano
Tem um bocado de intriga
Por conta de certos atos
E do desenrolar dos fatos
Conforme a gente investiga.

É que há séculos atrás
Toda essa região
Vivia um tipo de paz
Ainda que sem união
Que os indígenas daqui
Povos nativos tupi
Cada qual tinha seu chão.

Quando os europeu' chegaram
Nas suas embarcação'
As doença' se alastraram
Junto com as agressão'
Foi tiro, porrada e bomba
Que até hoje me assombra
O tamanho da confusão.

Os povos que aqui viviam
No meio de tanta guerra
Por mais que lutassem, iam
Sendo expulso' de suas terra'
Deixando um grito de alerta
E uma cicatriz aberta
De uma dor que não se encerra.

Muito tempo depois disso
O tal colonizador
Que com o lucro tem compromisso
Mesmo espalhando a dor
Começou a trazer gente
Presa por meio de corrente
– Da vida virou mercador.

Do continente africano
Trouxe gente aos milhãõ'
Num projeto desumano
Chamado de escravidão
Foram séculos passado'
E de sofrer suportado
Por essa população.

Se trago pelo contexto
Essas informação', repare,
Nem to aprofundando o texto,
Mas quero que ele dispare
E alimente o pensamento
Dando algum fundamento
Pra que você se prepare.

E possa ver a cidade
Pra além das praias bonitas,
Enxergando a complexidade
De coisas que não são ditas
Mas que vivem na memória
E são parte dessa história
Daí a importância da escrita.

Geografia Ubatubense
É outro fator relevante
Pra que o sujeito repense
De um modo interessante
Como é que a gente gera
Entre o mar e a serra
Um crescimento constante.

Em Ubatuba as montanha'
Achegam bem na costeira
O povo daqui tem as manha',
Vai se espalhando nas beira'
Pois a parte que é plana,
E pra construção mais bacana,
É pouca, por mais que se queira.

Eu digo que é como o Chile
Cumprida feito serpente
Por isso você não vacile
Tendo esse fato em mente
Andando do sul pro norte?
Vai precisar é de sorte
Pra que suas perna' te aguentem!

O Centro do município
Fica ali pelo meio
Tanto faz o princípio
Ou fronteira d'onde veio:
Pelo sul Caraguá ta colado
Paraty longe, do outro lado,
Depende do seu passeio.

Tem vez que é difícil achar
Um trecho sem curva, reto,
Tantas baías de encantar
E o relevo, nada discreto
Tudo junto, com certeza,
Nos caprichos da natureza
Deixa qualquer um boquiaberto.

De pensar essa riqueza
Que não tem ouro que pague
Já se imagina a grandeza
Escondida nesse zigzague
É tanta biodiversidade
Vivendo em cumplicidade
Que até parece milagre!

Juntando o que te contei,
Das nossa' raízes e cultura,
E o perfil que desenhei
Que mais parece pintura,
O povo daqui, você pense,
Sem precisar de suspense
No tamanho da mistura.

Quilombos nós temos três
Três indígenas também
Caiçaras, por sua vez,
Dezenas a gente tem
Há várias comunidades
Com suas identidades
Pra não fazer falta a ninguém!

As que foram estudada'
Pr'eu criar esse trabalho
Picinguaba e Almada
Explico e não me atrapalho
São caiçaras, as duas,
Pra conhecer suas ruas
Você não tem muito atalho'.

Pois o povo que aí nasce
Tem força reconhecida
A luta de sua classe
Foi na vida construída
Envolve o território
E o seu legado notório
Não tem peso nem medida.

Essa luta não é de agora
Há que se ter persistência
Sua razão, tão sonora
É luta de resistência
Num viver tradicional
Com a força dos ancestral'
Pelo direito à existência.



ATO 3

Dona Nilsa e Nilmara da Pinguaba

De Dona Nilsa é a história
Que agora eu vou contar
Com identidade e memória
Caiçara daqui desse mar
Registrada em fevereiro
Nascida em mês de janeiro
Em Picinguaba, seu lar.

Sessenta e quatro foi o ano
Que nossa Nilsa nasceu
E ligeiro, sem engano
Sua família lhe deu
Gonçalo Santos no nome
Ou melhor, de sobrenome,
Como aqui se escreveu.

Foi ainda em sua infância
As primeiras recordação'
De Nilsa quando criança
Com ferramenta na mão
Pelos roçados andando
Sua mãe acompanhando
No meio das plantações'.

Dona Carmen a mãe se chamava
Repare nessa ciência:
Bem do lado da casa plantava
Tudo com muita consciência
Pois era parte de sua vida
Ter sempre na mesa a comida
A partir de sua vivência.

Alface, coentro, cebolinha,
Mais um monte de tempero,
Mandioca, cará, batatinha
Tinha de tudo os canteiro!
Pé de fruta como banana
Pro café plantava a cana
E ainda tinha um galinheiro.

Bem dizer, essas galinhas
Faziam quas' ovo de ouro
Já que as famílias vizinhas
Trocavam por outro tesouro
Dava-se doce por ovo
— Pense 'screança de novo
De zóio no criadouro!

Nessa levada de rima
É importante eu dizer
Que nessa casa, pra cima,
O quintal danava a crescer
Já pra baixo tinha o mar
Bem pertinho do lugar
Que nós vamos conhecer.

O pai de Nilsa, Benedito,
Plantava no grande quintal
No roçado seu veredito
Portanto, era o principal
Definia as qualidade'
E também as quantidade'
Dos cultivo' tradicional.

Eram vários pés de fruta
Abacaxi, laranja, fartura!
Batata-doce, araruta,
Mandioca nas bordadura'
Só por essa descrição
Você já tem dimensão
De como a lida era dura.

Mandioca era grande a colheita
Nos roçado' que ele tinha,
Conforme a mesma receita
Numa casa de farinha
Funcionava em parceria
Sempre em boa companhia
De uma família vizinha.

Ainda deixei esquecido
Os plantio' de amendoim
Produto muito querido
Pro Seu Benedito, era sim!
Que mesmo lidando sozinho
Tantas vezes em seus caminho'
Semeava pra não ter fim.

De Osvaldo e Dona Antônia
Preciso falar também
Trabalhavam sem cerimônia
Gente muito do bem
Era deles a roça e a casinha
Que Nilsa, 'inda menininha,
Frequentou como num sei quem!

E foi nessa liberdade
Desde que era criança
Que o trabalho por necessidade
Foi virando até gostança
Porque enquanto Nilsa brincava
Ela aprendia e plantava
Como traz em sua lembrança.

Das águas salgada', o pescado
Pai de Nilsa também trazia
Pelo mar foi qualificado
Saía ao raiar do dia
Fizesse sol ou garoa
Só ele e Deus na canoa
Que até parece poesia.

Benedito pescava de linha,
Em qualquer das estação'
Molinete ele não tinha,
Puxava direto na mão
Até às 8h, rapidinho,
Ele enchia o balainho
Tem vez que fisgava peixão!

Já as pescaria' de rede
Qu'ele fazia no litoral
'Rodeava que nem parede
No cerco tradicional
Um' armadilha seletiva
Em que a pesca é coletiva
Feita ao modo artesanal.

Aqui, minha gente, é importante
Entender bem os costume'
O peixe com a roça, no instante
Que se junta faz volume
Garante fartura na mesa
E além de grande beleza
Imagine, então, o perfume!

Mal na casa o peixe chegava
Dona Carmem ia pr'o rio
Limpava e depois temperava
Alfavaca, limão – o feitio,
Com banana-verde no fogão
O caldo e farinha virava pirão
Num ficava era um prato vazio.

Quando Nilza já maiorzinha
Os passeio' acostumado
Com as amiga' vizinha'
Era andar pra todo lado
Na floresta procurando
E depois saboreando
Da pindova, o coco brotado.

Era logo após o almoço
Que juntava a muierada
Num gostoso alvoroço
Saíam em suas catada'
Coco, orquídea e samambaia
Nos morro' e nas mata' da praia
Catavam até ficar cansada'!

Depois que Nilsa cresceu
Se casou com Ademar
Foi aí que aconteceu
De ela sair pra pescar
De chatinha, os dois remando,
E depois já motorando
Rodaram tudo esses mar'.

Juntos pegavam marisco
Ali pr'aquelas costeira'
Também pescaram a corrico
Navegando pelas beira
E no verão era a lula
Que na luz se estimula
Quando dá nas pegadeira'.

Nilsa adora pescar
Mas nem sempre é sua vontade
Pois também ama plantar
Pra bem dizer a verdade
Ficou entre o mar e a terra,
Coração divide, sem guerra,
Cada qual com sua metade.

Chamo agora sua atenção
Pra algo que tudo mudou
O início d'outra geração
Tempo depois que casou
Nilsa teve primeiro um menino
Eudes, que por triste destino
Muito cedo Deus levou.

Teve também uma menina
A quem chamaram Nilmara
Que desde pequenina
Se mostrou uma peça-rara
Muito comunicativa,
De postura positiva,
Em tudo ela mete as cara'!

Em tempos de grande mudança
A filha Nilmara nasceu
Pois parte de sua herança
O Estado requereu:
Picinguaba virou Parque
– Pense o tamanho do baque
Que a família recebeu.

Na memória da pequena
Naquele grande quintal
As roça' ia dando pena
Foi virando matagal
E quem insistia na luta
Tomava logo uma multa
Da Polícia Ambiental.

Nilmara ainda se recorda
De vó e mãe, as história'
Toda essa gente concorda
Em marcar uma divisória
Que os ciclos de cultivo
Quando o roçado era vivo
Foi uma fase de glória.

No plantio que o vô tanto cuidou
Essa roça centenária
Uma árvore se enraizou
Teimosa, extraordinária:
Bem em cima de uma pedra
Um cacauero não arreda
Mesmo com ordem contrária.

Outra coisa há que ser dita:
Horta nunca faltou
E medicinais, tão bonita'
Que Dona Nilsa plantou
Pra fazer remédios caseiro'
Com as galinha' no terreiro
A família sempre criou.

Das plantas de cura, famosa',
Tinha hortelã, aroeira,
Açafrão, guaco, babosa,
Capim cheiroso, cidreira,
E o mertiolate caiçara
Que até hoje se prepara
Com a erva baleeira.

Enquanto a filha Nilmara
Mulher foi se tornando
Onde tinha roça e coivara
Tudo casa foi formando
Com a construção da estrada
Picinguaba ficou falada
E os turistas foi chegando'.

Dona Nilsa e o marido
Resolveram se arrumar
Pro seu cantinho querido
Na temporada alugar
E a partir desse ofício
Foi desenhando o início
Do "Petiscos Beira Mar".

O nome do restaurante
Já diz certinho a que veio
Recebia os visitante'
Que vinha fazer passeio
Dona Nilsa na cozinha
E a filha, jovenzinha,
Trabalhando alí pelo meio.

Acontece que o lugar
Não servia qualquer prato
Seu Ademar ia pescar
Peixe fresco vinha à jato
Nilsa com muito capricho
Tratava e preparava os bicho'
Que o freguês ficava era grato.

Tantos anos de trabalhadeira
Deixou todo mundo cansado
A solução derradeira
Pr'o quiosque num ficar parado
E além disso, sobretudo,
Pra 'Scriança focar no estudo
O comércio foi arrendado.

Nil filha, com muita luta,
Conseguiu fazer graduação,
Essa mulé tão batuta
Formou em administração
Também é guia de turismo
E por isso é que eu sismo
No valor da educação.

Agora não venha ninguém
Falando de qualquer jeito
Que sendo caçara, alguém
Não tenha o mesmo direito
De estudar o que quiser
Ou ainda por ser mulher
– Isso é um baita preconceito.

E saiba você que me lê
Que Nilmara é pescadora
Pois se decidi saber
A função de administradora
De suas raízes não esqueceu
E por isso recebeu
A vida como professora.

E nós vamos combinar
Seja com o pai ou com o irmão
Nilmara tem o seu lugar
Dentro das embarcação'
Como boa companhia
Em diversas pescaria'
Puxou rede e bateu calão.

Se junto de sua mãe,
Nilmara curte a colheita
Pra cuidar de planta, porém,
A danada não se ajeita
Não pegou o mesmo gosto
De Nilsa, como foi posto,
Que pra plantio é perfeita.

Tanto que uma chacrinha
Nilsa mantém hoje em dia
Faz as roça', cria galinha,
E comenta com alegria
Não gosta de 'ta em casa
Pois na terra ela extravasa
Que plantar é sua terapia.

Se ela ta co'as mão' no barro
Nossa, do mundo se esquece!
A filha até tira sarro
Da mãe quando ela aparece
Em casa cheia das muda'
Põe nos vaso', pede ajuda,
Nilmara logo obedece.

Eu penso que se a pessoa
Ama mesmo a natureza
Toda terra é terra boa
Qualquer planta tem sua beleza
Florescer é sua vaidade
Seja no mato ou cidade
Só é feliz com gentileza.

Hoje a Nilsa é vovó:
Nilmara tem um casal,
Eudes um menino só.
Na realidade atual
Pra filha seguir a profissão
Com muita dedicação
Vó Nilsa é amor sem igual.

Ela é quem cuida dos neto'
Pra Nil poder trabalhar
Dividindo seu afeto
Entre as criança' e o plantar
Pois não importa o momento
Haja chuva, haja vento
Sua meta vai continuar.

De comprar um sítio maior
E morar nele, quem sabe?
Pra cultivar com amor
De tudo que não se acabe
Partilhar com toda a gente
Fruta, flor, folha e semente
Que no coração não cabe.

Desde os tempos de moça,
Nilsa, conforme o descrito
Reconhece a própria força
Por isso eu digo e repito:
Com muita simplicidade,
E também felicidade
Nesse sonho eu acredito!



ATO 4

Dona Cida e Simone da Almada

Agora, minhas amiga',
Nóis vamo' mudar de lugar
Pois essa nova cantiga
Outros causo' vai contar:
É a história de Dona Cida,
Na Praia da Almada nascida,
Caiçara da terra e do mar.

O ano foi cinquenta e quatro,
No início do mês de abril
Que Cida nasceu de fato,
Maria desse meu Brasil
Souza é o segundo nome,
Uma família de renome
De luta e saberes mil.

Das mãos de uma parteira
Tia Maria Balbina, prezada,
Seu nascer foi lá nas beira'
Da linda Ilha da Almada
E até os sete anos
Foi lá seu cotidiano
— Na ilha é nascida é criada.

Precisa eu dizer a verdade
De tia Maria Balbina
Só pela oportunidade
De honrar sua medicina:
Foi'em tudo que é lado chamada,
E por todos muito amada,
5 mil partos sua sina!

Luzia, a mãe de Cida,
Era do Ubatumirim
Roça sempre foi sua lida
E a floresta o seu jardim
Com Onofre se casou
E por isso se mudou
Do sertão pr'o mar, enfim.

Sua casinha lá na ilha,
Era pequena, maneira,
E o trabalho da família
Se espalhava na área inteira:
Nos morro', as plantaço',
Junto com as criação'
E a pesca nas costeira'.

A quem Mãe Veia chamava
Cida lembra da avozinha
Nas coivara', tudo plantava
Era farta a sua cozinha
Feijão guandu e de corda
Cará com fruteira nas borda'
Melancia, de monte que tinha!

A avó e o avô de Cida,
Maria Francisca e Benedito,
Viveram mais tempo essa vida
Nesse lugar tão bonito
Porque Seu Onofre e Luzia
Mudaram pra praia um dia
A escola foi o requisito.

Na casinha da tia parteira
Foi na Almada a nova morada
Luzia ia pra's pirambeira'
A floresta era sua estrada
E Cida, ainda criança,
Acompanhava a mãe na andança
Brincando e já sendo ensinada.

Na praia, subindo as encosta',
Havia roças enorme'
Variedades disposta'
Pelo ambiente e seus conforme':
Nos caminho' de água, os rincão',
Se plantava muito feijão,
Mas não tinha nada uniforme.

Isso porque a tradição
Do plantar e colher caíçara
Contorna os desenho' do chão
E com muito cuidado prepara
Em pedaços de terra, pequeno'
A roçada do terreno,
Pra depois fazer a coivara.

Sendo a única menina
E a mais velha de 8 filhos,
Cida tinha sua rotina
Junto com a mãe nos seus trilho'
Nos aberto', no meio da mata
Tinha couve, mandioca, batata,
Além dos plantio' de milho.

Aqui eu quero explicar
Como é que fazia o pixé:
Milho seco tinha que pilar
Tipo que nem fazer café
De acordo com essa ciência
Tinha o milho de preferência
A semente guardava até!

Já as roça' de mandioca
Era feita em mutirão
Trabalho na base de troca
Quando existe cooperação
Luzia fazia a limpeza
Corte e queima com destreza
E as cinzas era adubação.

N'outra roça, sem demora,
Os feixe' de rama' ia buscar
Destarte chegava a hora
De muita gente ajudar
Um tanto ia na cavação,
O restante, balaio na mão
Pras rama' poder semear.

Falar das variedade’
De mandioca faço questão
Pois havia de qualidade’
Pra farinha ou faze’ no fogão
De cozinhar era o aipim santista
Branca dentro e rosada na vista
Bem no ponto, parecia um pão!

A feitura da farinha
Era um tanto trabalhosa
Já que as mandioca’ vinha
Láaa das roça’, vigorosa’
Com água de rio se lavava
E depois ainda raspava
De maneira caprichosa.

Nessa época, em cada quintal
Casa de farinha tinha presença
No modo antigo, tradicional
Mandioca cevada ia pra prensa
Dia seguinte ia esmiuçar
Num coxo-canoa, pra daí sim torrar
E chegar na farinha, a recompensa.

Enquanto a mãe de Cida
Cuidava da casa e da agricultura
O pai tinha outra lida
Que era sair na procura
Do peixe em suas pescaria'
Era o que ele sempre queria
Fosse de dia ou noite escura.

Uma lembrança interessante
Na contação dessa história
Foi quando Cida, num instante
Ligeiro puxou da memória:
O seu pai ter construído
2 barcos, sem nunca ter tido
Feito'uma casa em sua trajetória.

Isso pode até parecer
Algo à toa ou meio sem cor
Mas pra mim, no meu entender,
Diz bastante sobre o amor
Que Seu Onofre, do seu jeito,
Tinha bem dentro do peito
Sobre o pescar e seu valor.

Uma quitanda o pai abriu
Por uns tempos, no lugar
Mas bem logo se saiu
Pois como Cida veio a falar
O que pra mim foi um marco:
“A vida dele era o barco,
Meu pai vivia no mar”.

Quando Cida se casou
Com Giles, também caiçara
Família grande formou
5 filhos que aqui se declara:
Os mais velho’ Fabrício e Gilinho,
Lucas e Enoque os mais novinho’
E no meio Simone, uma joia rara.

Dentre esses quatro menino’
Ninguém quis saber de plantio
E de modo paulatino
Foram aprendendo o feitio
Dos tipo’ de pescaria
Sempre com quem já conhecia
Como o pai Giles e os tio’.

Nesse ponto deixo escrito
Importante acontecimento
Foi de Onofre, eu admito
Muito desse conhecimento
Passando na tradição
De geração em geração
Pra de peixe' ter provimento.

Já Dona Cida só começou
A pescar depois de casada
Quando uma chatinha comprou
Que a canoa antes era apertada
Pois esse casal foi rodando
E de vários jeito' pescando
Naquela região da Almada.

Às vez' pescava de linha
E pegava bicuda, cavala,
Sempre em dois, nunca sozinha
Que as companhia' se intercala
Pescou muito corricando
No remo ou motorando
Na lula, então, nem se fala!

Nesse tipo de pescaria
Que se faz com zangareio
Dona Cida sempre ia
E voltava com o barco cheio
Por trás da Ilha Rapada
Que fica ali perto da Almada
Passavam' em tudo esses meio'.

Teve um tempo que o marido
Ficou trabalhando lá fora
Traineira grande, sofrido,
Todo dia e toda hora
Pescando sardinha, embarcado
Navegando pra todo lado
Quase um mês pra vim simbora.

Já com'os filho' adolescente'
Na família algo mudou
Dona Cida, diligente,
Um curso novo começou
Foi estudar enfermagem
Na cidade, longa a viagem
Toda noite, até que formou.

Simone era pequeninha,
Lucas e Enoque 'inda menor'
E o Seu Giles na sardinha
No ofício de pescador
Decidiu pra casa voltar
E assim da família cuidar
Com a ajuda dos filho' maior'

Desses tempos de mudança
Pr'uma nova profissão
Foram crescendo as criança'
E mais outras transformação'
Na pequena comunidade
Vinha gente da cidade
Pra fazer visitação.

Seu Giles seguiu pescando
Agora por própria conta
E Cida ficou trabalhando
Depois de enfermeira pronta
Os filho' mais crescidinho'
Foram seguindo seus caminho'
Como essa história aponta.

Simone, a única filha
Que em cinco só ela mulhé'
Construiu sua família
Quando se casou com André
Também na Almada nascido
Na roça e na pesca crescido
Caiçara da cabeça aos pé'

Na casa desse casal
Apesar do pouco espaço
Tem fruteiras no quintal
E uma roça n'outro pedaço
Pitanga, abacate, limão
Salsinha, manjerição
– Só de pensar me satisfaço!

Bem perto tem a rocinha
Onde fica as plantação':
Mandioca doce, amarelinha
Abacaxi, abacate, mamão
Tem plantas medicinais
Com muitas coisas mais
E André cuida com paixão.

No meio dessas história'
Um caso de grande beleza
Que Cida em sua oratória
Partilha com delicadeza
No tempo de sua mãezinha
Faltou aipim pra farinha
Tão importante de ter na mesa.

Foi aí que aconteceu
Uma sincronia curiosa
A vó de André ofereceu
De sua terrinha arenosa
Pra mãe de Cida, Luzia
Mandioca que ela colhia
Daquelas grandona', valiosa.

Eu sei que essas parceria'
É comum de se encontrar
Quando se vive em harmonia
Com as pessoas e com o lugar
Parece uma coincidência
Mas pra mim já é referência
Dos caminho' que ia se cruzar.

Depois de seu casamento
Mais uma coisa mudou
Na pesca e seus fundamento'
Simone se emaranhou
Que antes, com os seus pais
Pescava lula, nada mais
Com o marido se desenrolou.

Aprendeu a pescar de rede
Daquelas que tem de esperar
No remo os esforço' não mede
Pra o marido acompanhar
Quando os dois saem na canoa
Vão remando, numa boa
Nem precisa o motor levar.

Às vez' pega camarão
Se os cardume' tão no grau
Já fisgou até cação
Sororoca, carapau
E no inverno tem as tainha'
Cheias de ova', gordinha
Com pirão, hem? Nada mal!

Na linha, quando corrica
Ou na costeira, de linha na mão
Pega cavala, pirajica
Pode demorar ou ser rapidão
Com jeito, no alto da estrada
Pra quem tem vista treinada
Se vê os peixe' em agitação.

Quando é assim, pessoal dali
Vem com a rede pra cercar
E pega muita Paraty
Nesse modo de pescar
Até aconteceu, vez ou outra
De ter uma rede por fora d'outra
E ainda assim os peixe' escapar.

Um fato que muito me anima
Dentro do que aconteceu
Simone, quando era menina
Com o seu pai aprendeu
A fazer rede, na mão
Um feitio quase em extinção
Conforme a cidade cresceu.

Engraçado, naquele período
Era rede pros galinheiro'
Por na pesca ter seguido
Foi mudando esse roteiro
Praticou tecer e remendar
E hoje se vai costurar
Ela faz o trabalho inteiro!

Simone é ótima pescadora
Como aqui já se percebe
E por ser também remadora
Um convite ela recebe
Foi por volta ou pouco depois
De 2022
Pra remar na Cunhambebe.

De maneira voluntária
Essa canoa tão estimada
Pela Associação Comunitária
Foi trazida à Praia da Almada
Do Centro, lá do Cruzeiro
No meio d'um grande festeiro
Numa bela d'uma remada.

Esse evento tão bonito
Fez parte da celebração
Do que pra mim, acredito
É das melhor' festa da região
Que acontece na comunidade
E faz parte de sua identidade:
É o Festival do Camarão.

Atraindo bastante turismo
Esse evento tem todo ano
Pois com muito companheirismo
E com saber do cotidiano
O povo de lá faz comida
Caprichada, com boa bebida
Que o movimento fica insano!

Aqui é preciso falar
Algo que é relevante
O turismo nesses lugar'
Em excesso é preocupante
Por exemplo, Dona Cida
Se sente até meio'perdida
Quando isso é constante.

É que antes, na verdade
A comunidade da Almada
Recebia gente da cidade
Que ali já era acostumada
Pra Dona Cida e sua fia'
Foi depois da pandemia
Que a vila ficou transformada.

Repare bem no que eu digo
Pra não me entender errado
É que nos tempos antigo'
Ubatuba era quase isolado
E de um modo impactante
De repente, num instante
Isso aqui ficou lotado!

Por mais que o turismo ajude
Trazendo oportunidade'
Muda tudo num' amplitude
Dentro das comunidade'
Que do meu jeito reflito
No tamanho dos conflito'
Assim com tanta novidade.

Preciso chamar sua atenção
Pra enorme importância
Do respeito às tradições'
Com contexto e relevância
Conforme sua identidade
E os desejos da comunidade
Pra manter viva as lembranças'.

No caso da Praia da Almada
Que tem associação forte
Muita gente é organizada
Com outras de sul a norte
O que faz toda diferença
No sonhado e na presença
Dos costumes' e seu suporte.

Voltando pra agricultura
Percebemos um padrão
De mudança das culturas'
Conforme a transformação
Num jeito contraditório
Partes desse território
Em unidades de conservação.

É o caso da praia vizinha
Onde fica a chamada Brava
Maior parte das rocinha'
Era lá que o povo plantava
Aí virou Parque Estadual
Que junto com lei ambiental
Acabou com quem continuava.

Por essas e outras questão'
Cida um sítio comprou
No Ubatumirim, o sertão
Onde sua família começou
Nem é tão grande, o terreno
E mesmo sendo pequeno
Já colheu tudo que plantou.

Hoje ela 'ta aposentada
E mesmo com quintal mirim
Segue plantando na Almada
Pé' de fruta e ervas no jardim
Graviola, pitanga, condensa
E plantas pra tudo as doença'
Uma boniteza sem fim!

A história de Dona Cida,
Simone e a família restante
Não 'ta nesse cordel contida
Do tanto que é impactante
Mas carrego em minha mente
A vontade de mais pra frente
Contar uns causo' faltante'.

Por enquanto eu acredito
Que essa breve contação
Com alegria tenho dito
É carregada de intenção
Pois a vida que se recorda
Mantém viva e transborda
As memória' do coração.



ATO 5

A história comum – quando terminar não é um fim

Que lindeza, minha gente,
Tudo o que compartilhamos
Histórias feito semente'
Na medida em que contamos
Que a contação é semeio
Não importa se vai ou veio
E as colheita' celebramos.

As memórias das mulhé'
Plantei com muito carinho
São cheia' de amor e de fé
Mas também tem seus espinho'
Por isso, com consciência,
Trago mais experiência'
Pra abrir nossos caminho'.

Olhares de outras pessoa'
Diversas vivência' contida
Numa escrita que ecoa
A mesma canção reprimida:
De outros mundos enxergar
E assim considerar
Os muitos modos de vida'.

A primeira que dou nome
É a autora Chimamanda
Ngozi Adchie o sobrenome
Vai abrir nossa ciranda
Nigéria foi onde nasceu
E muitos livros escreveu
Nem precisa propaganda.

“O perigo da história única”
Um dos mais famosos dela
É como tirar uma túnica
Por tanto que ela revela
Abordando suas viagens
Pra construir imagens
Tão intensas quanto belas.

As história’ e sua importância
Pra Chimamanda é um fato
Mas o que dá substância
A todo tipo de relato
É considerar, na verdade,
Toda a complexidade
Que compõe um só retrato.

A autora, com destreza,
Cita alguns acontecido'
Que com muita sutileza
Deixa pontos esquecido'
O que é bastante injusto
E depois tem muito custo
Pra recuperar o perdido.

Esse escrito que me move
É bem curto e objetivo
Impresso em 2009
Num projeto assertivo
A Companhia das Letras
Editora cuja etiqueta
Foi quem publicou esse livro.

Outro autor que vou trazer
Com muita convicção
Pr'esse tema enriquecer
Mostrando as contradição':
Ailton Krenak seu nome
Um indígena de renome
Desde a nossa Constituição.

2020 é o ano
Que o livro foi publicado
Nesse tempo, sem engano,
Seu escrito foi valorado
Num sentimento profundo
“Ideias para adiar o fim do mundo”
Desse modo intitulado.

Mesma editora que o d’antes,
Mas com visão distinta
Além de ampliar horizontes
Fala de forma sucinta
Sobre a diversidade
Que há fora das cidade’
Culturas que tão sendo extinta’.

Esses modos de vida excluído’
Carregam a compreensão
De que o ser evoluído
Tem formas de organização
Em que manter o respeito
Como um sagrado direito
É parte da celebração.

Aqui celebrar a vida
É também compreensão
De se enxergar construída
Natureza e suas relação'
Sendo que o ser humano
Faz parte, sem desengano
Disso tudo em associação.

Pro Krenak, em seu dizer
Acaba sendo destruído
Todo jeito de viver
Que não pode ser vendido
— No mundo da mercadoria
Tudo se compra e se copia
E nas suas regra' é mantido.

Desse jeito, infelizmente
Vão se criando as ausência'
Naquilo que nossa mente
Não enxerga a confluência
E por isso a provocação
Das história' e a contação
Como uma enorme potência.

Pr'essa roda trago agora
A voz de Vandana Shiva
Que nesse mundão afora
É gigante e muito altiva
“Monoculturas da Mente”
É um escrito permanente
Que me ilumina e motiva.

Pela Editora Gaia
Impresso em 2003
De modo que sobressaia
Esse livro, por sua vez
Traz uma fala importante
Que se espalha impactante:
O discurso da escassez.

Esse jeito de entender
Que do poder é oriundo
Enxerga só o próprio querer
Na sua visão de mundo
Ameaça a diversidade
Das cultura' e identidade'
Num aspecto profundo.

Se não vende, se apropria
De muitos conhecimento'
Assim apaga e esvazia
Cultura e seus fundamento'
Transformando em invisível
Algo que é muito incrível
Num perverso experimento.

Quando um tipo de saber
Se quebra ou desaparece
É como se um tipo de ser
Vivo, que nasce e cresce
Fosse também destruído
Ou ao menos destituído
De tudo que o fortalece.

Assim, as monoculturas
Pra Vandana são um reflexo
De um esquema que mistura
Sem respeito, desconexo
Saber e geração de renda
Pondo preço no que não ta à venda
E desdenhando do complexo.

Quero que você perceba
O percurso desse argumento
E do seu jeito receba
O que dou deferimento:
Esses livro', diferente'
Cada qual de um continente
Tão no mesmo alinhamento.

Com cuidado pra abordar
O poder que vive imerso
Nos modos de vida a criar
Diferentes universo'
É por isso, nessa missão
Com tanta empolgação
Que eu escrevo esses verso'.

No caso das mulheres
Que trago nessa pesquisa
E seus infinitos saberes
Que se espalham feito brisa
Sus histórias são sementes
Bem do tipo exatamente
Que esse mundão precisa.

Pois são elas, fortalezas
Da vida em integração,
Ser humano e natureza
Juntos em cooperação,
Pois no seu entendimento,
Na lida e no pensamento,
Não define divisão.

Quem de pertinho convive
Colhe muita formação
Dessas mestras, que inclusive
Despertam admiração,
Sentindo o que digo e repito,
E nem tem que ser erudito
Pra tamanha inspiração!

Um fato muito importante
Na nossa apresentação
Se mostra na impactante
Maneira de relação
Do território presente
Como parte de sua gente
Em notável conjugação.

Essa mistura é tal
Que não tem separação
Entre o que é terra ou quintal
Do que é “ser-humanização”
Na cultura caiçara
Você é quem se prepara
Pra enxergar essa condição.

É aqui que a treta começa,
Veja só a contradição,
Nas sentenças das cabeças
A quem falta informação:
Pessoas que vem da cidade
Trazendo suas vaidades
E sua própria concepção.

No modo de ver dessa gente
Que vem das “graduação”
Não é o meio ambiente
Parte da combinação
Entre cultura e identidade,
Com o povo e a diversidade
N’uma profunda ligação.

Esse olhar equivocado
Tem até nomeação
No meio dos “estudados”
Chamado Preservação
Intenta fazer biologia
Apartando a mãe de suas cria’
– Que tremenda confusão!

Um exemplo disso acontece
Quando essa nova visão
Acredita que conhece
A floresta e os seus padrão’
Determina mata primária
Nas roça’ em pousio ou coivara
Que são cultivos em rotação.

Se analisamos de perto
Essa triste situação
Percebemos, de certo,
Que o conflito é de intenção
Pois não há melhor maneira
De tomar terra e fronteira’
Que afastando o seu guardião!

Por isso a dificuldade
Em mudar de posição
Não 'ta só na universidade,
Nem na nossa discussão,
Precisa é ter crescimento
Político e de movimento
Da nossa população.

Os povos tradicionais,
Nessa grande transformação,
São mesmo fundamentais
Pr'uma nova educação
Capaz de trazer pra 'sriança
Conhecimento e esperança,
Respeito e valorização.

Nesse ponto minha aposta,
Sem medo de decepção,
Na mulherada está posta,
Com muita satisfação!
Qu'eu acredito é no divino
Que vive no feminino
E em seu poder de renovação.

Uma pequena ousadia
Aqui vou me permitindo
Pra dentro da academia
Vou trazer o que to sentindo:
Duas ideia' atrevida'
Nesse trabalho nascida'
E que foram se construindo.

A primeira, eu diria
Conversa com a educação
Tipo uma pedagogia
Na base da contação
Que a gente faz das história'
A partir dessas memória'
Da vida e do coração.

Assim, ela inclui didática
Moldada na resistência
Sua letra e sua sintática
Tem a voz da experiência
Nesse contexto, eu proponho
Um conceito que é um sonho:
A Pedagogia da Existência.

Como foi por mim descrito
Ao longo desse caminho
O único requisito
É não se sentir sozinho
Que a memória só persiste
E no seu sentido existe
Na partilha com carinho.

Nisso vem a outra ideia
Que aqui quero trazer
Pra quando as história bardeia
Confundindo o entender
É que na memória o sentido
Do interpretado e do vivido
Não precisa aparecer.

Veja lá, não me misture
O fato com o inventado
Mas a memória que dure
Não tem tudo separado
E conforme o tempo passa
Nossas impressão' abraça
Lembranças por todo lado'.

Por isso é que o segundo
Conceito que vou expressar
Tem a ver com olhar bem fundo
Pras pessoa' e lhe' escutar
No silêncio ou com aplauso'
É o Estudos de Causos
Que eu vou compartilhar.

Parece uma brincadeira
Também não deixa de ser
Pois mesmo que seja besteira
Aqui eu não vou esconder
De algo que muito incomoda
Por mais que esteja na moda
Que é o poder do conhecer.

Repare que o meu problema
Não é com o conhecimento
Pelo contrário, é o sistema
De valor dos pensamento'
Dizendo que num encontro
Um importa mais que o outro
O que é um descabimento.

Na proposta de estudo
Que te conto aí pra cima
Toda história ou conteúdo
Que aparece aqui na rima
Seja ela da academia
Ou da vida, do dia a dia
Entre elas se aproxima'.

Outro fator relevante
Destaco no meu dizer
Por mais que seja distante
Precisa a gente trazer
As diferentes linguagem'
Símbolos e suas imagem'
Pra todo mundo entender.

Eu com os meus cordelzinho'
Na alegria e na humildade
Vou seguindo o meu caminho
E aprendendo de verdade
Se erudito ou era o dito
Tanto faz, eu acredito
O que importa é a diversidade.

E junto com Dona Cida,
Com Nilza e suas filha'
Vou fazendo a despedida
Pra seguir na minha trilha
Honrando aqui do meu jeito
Com amor e muito respeito
Essas mulher' maravilha.

A vocês, amigos e amiga',
Deixo aqui minha gratidão!
Por escutar essa cantiga
Que faço com o coração
Seguimos juntos às mulheres
Sua força e seus saberes
Pr'um futuro em construção.